A CASA TOMBADA

Faconnect – Faculdade Conectada
Pós-Graduação Lato Sensu O livro para infância:
processos contemporâneos de criação, mediação e circulação

Como nasce um livro?
A memória e o afeto no processo criativo de *Fevereiro*

Ana Carolina Alves Fernandes

São Paulo

2024

Ana Carolina Alves Fernandes

Como nasce um livro?
A memória e o afeto no processo criativo de *Fevereiro*

Trabalho de conclusão de curso apresentado n'A Casa Tombada, como parte do requisito exigido para obtenção do título de especialista, na Pós-Graduação *Lato Sensu* O Livro para a Infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação, sob orientação da Profª. Ananda Luz.

São Paulo
2024

RESUMO:

Como nasce um livro? Essa pergunta geradora impulsionou o presente trabalho, que tem a intenção de compartilhar, enquanto rememora, vivências importantes em meu processo de aproximação da autoria de livros ilustrados. Objetiva, também, dividir os bastidores de criação do livro Fevereiro, publicado em 2023 pela editora Caixote. Trata-se de um relato de experiência sobre os territórios percorridos, pesquisas, memórias e atravessamentos que antecederam e contribuíram para meu encontro com as linguagens criativas e, por conseguinte, com uma voz autoral na produção literária.

PALAVRAS-CHAVE: literatura; livro ilustrado; docência; processo criativo; leitura e infância.

1

[1] *"CAROL, PARA VOCÊ, COMO AUTORA, COMO NASCE UM LIVRO?"*

"Nossa tô me sentindo superimportante com essa sua pergunta, hein? Achei uma das perguntas mais inteligentes que eu já recebi sobre o meu ofício de autora-ilustradora.

Bom, como nasce um livro? De muitas maneiras e recentemente sua mãe [Ananda Luz] me ensinou que um livro nasce… sua mãe me ensinou, porque me ajudou a enxergar esse lado do nascimento de um livro. Um livro nasce de muitas maneiras e em diferentes tempos da nossa vida. Sabe, me parece, Tarsila, que é como se fosse um balde enchendo de significados. Vai enchendo, vai enchendo. E esse balde, pode ser que ele demore para encher quinze minutos, ou pode ser que ele demore uma semana, pode ser que ele demore para encher três meses, cinco meses, dez anos, vinte anos, trinta e cinco anos...

Cada livro tem um tempo para nascer, como cada balde tem um tempo para encher. E é como se esse balde, quando enchesse até o topo, transbordasse. Me parece que esse transbordar do balde é o nascimento do livro. Porque quando você encheu aquilo ali de significados e aí estoura uma coisa, tipo uma bolsa estourando na gestação e o livro nasce.

E, por exemplo, o livro Fevereiro, que acho que você ainda não conhece, mas já está chegando aí para você conhecer, começou a nascer na minha infância. Depois esse "balde" ficou um tempão parado, sem encher. Aí depois, com as músicas do Gilberto Gil, eu fui recebendo novos sentidos e isso foi enchendo mais, enchendo mais, enchendo mais. E na minha vida adulta, também fui preenchendo novos sentidos e a coisa nasceu.

Depois que estamos com o sentido que queremos atribuir a um livro, vamos tratar de pensar que cor que esse livro vai ter, que formato que esse livro vai ter, que carinha que você quer que as pessoas vejam no seu livro. Vamos cuidando da parte material do livro: que papel queremos usar, que tinta queremos usar, mas acho que antes dessas coisas materiais, primeiro vamos cuidar de preencher os sentidos que o livro vai ter. Para mim é um pouco assim que acontece.

---

[1] Transcrição de uma conversa realizada em 03 de fevereiro de 2023, via Whatsapp, com Tarsila (à época com 10 anos).

Mas sabe, Tarsila, que às vezes esse sentido é preenchido quando estamos experimentando os materiais artísticos. Então, pode ser que esse sentido seja preenchido quando estou fazendo um recorte ou quando estou fazendo uma pintura, quando estou fazendo um rabisco, quando estou tocando em algumas texturas de papéis, ou quando eu estou sentindo cheiro de alguma tinta. Por exemplo, o Penumbra, que é um livro que ainda nascerá, vou cuidar de encher o balde ainda, ele começa a se encher de sentidos em um sonho que tive e continua a se encher de sentido em uma oficina [aulas Criação de Livros ofertada nos dias 14 de maio, 11 de junho e 02 de julho] que a Camila Feltre [professora e coordenadora da pós O Livro Para A Infância] deu no curso que faço n'A Casa Tombada. Aí, foi pegando no papel, sentindo a tinta que encheu um pouco mais de sentido. Daqui a pouco esse balde transborda e um novo livro nasce."

2

O ENSINO, A PESQUISA E O ENCONTRO COM A LITERATURA

Procura

Volto a mim
como quem foi trabalhar "numa terra estranha"
e encontra sua gleba carecendo cuidados
sombras miseráveis habitando o obrigo
e o poço envenenado pelas mágoas

busco no paiol as ferramentas
e observo que as levaram todas

varreram do interior os meus pertences?
sobre a mesa a liberdade ausente

cavo o chão da casa com as mãos
e começo a sentir
os sinais de meu tesouro intacto
(Cuti, 2007, p.36)

Durante minha graduação em pedagogia, iniciada em 2011, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), iniciei um processo de transformação pessoal relacionada às minhas identidades racial e de gênero. O intenso movimento de se rever e se compreender enquanto mulher negra em um ambiente majoritariamente branco, provocou importantes e formativos deslocamentos. Ao me aproximar de grupos estudantis negros, emparada, também, por um acervo literário de intelectuais do Movimento Negro Unificado (MNU), como Kabengele Munanga, Lélia González, Beatriz Nascimento, Cuti e Nilma Lino Gomes, de quem também fui aluna à época, dei início ao exercício constante de refletir como o racismo opera e como inter(fere) a forma como nos percebemos, desde a mais tenra infância, como, por exemplo, na maneira como aprendemos a odiar e depreciar a cor de nossas peles e a textura de nossos cabelos. Foi neste período, imersa a debates sobre a lei das cotas raciais, racismo institucional, genocídios em curso e padrões de beleza impostos pela branquidade, que o ato de alisar meus cabelos, procedimento que me submetia desde a adolescência, se tornou insuportável para mim. A este caráter emancipador e didático dos movimentos sociais, em especial do Movimento Negro, a professora pós-doutora Nilma Lina Gomes, nos explica:

> Os movimentos sociais são produtores e articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra-hegemônicos da nossa sociedade. Atuam como pedagogos nas relações políticas e sociais. Muito do conhecimento emancipatório produzido pela sociologia, antropologia e educação no Brasil se deve ao papel educativo desempenhado por esses movimentos, que indagam o conhecimento científico, fazem emergir novas temáticas, questionam conceitos e dizimam o conhecimento. (GOMES, 2017, p.16)

A maneira como eu passei a ler e escrever o meu corpo a partir desses encontros se modificou para sempre. A busca pela reconstrução e resgate de uma autoimagem positiva foi o início de um interminável e complexo processo de ampliação da consciência racial que norteia a maneira como me enxergo, relaciono comigo mesma, com os outros e com o mundo e, por óbvio, com a maneira como escolho narrar e retratar universos com palavras e imagens.

Este modo de ler e escrever o mundo, onde as narrativas ficcionais, embebidas de referências reais, abordam as experiências vividas que superam os reducionismos racistas e que contam, sobretudo, das nossas origens, ancestralidades, culturas, crenças, relações e afrofuturos[2] desejados, é denominado pela célebre escritora Conceição Evaristo como escrevivência:

> Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: "a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos. (EVARISTO, 2020, p. 30)

Hoje ilustro e escrevo quem vejo refletida no espelho e quem encontro ao meu lado no dia a dia, pinto e rimo a menina orgulhosa de si que eu poderia ter sido, mas

[2] Segundo glossário de novas palavras da Academia Brasileira de Letras, Afrofuturismo é "Movimento cultural, estético e político que se manifesta no campo da literatura, do cinema, da fotografia, da moda, da arte, da música, a partir da perspectiva negra, e utiliza elementos da ficção científica e da fantasia para criar narrativas de protagonismo negro, por meio da celebração de sua identidade, ancestralidade e história; em geral, obras pertencentes a este movimento procuram retratar um futuro grandioso, caracterizado tanto pela tecnologia avançada quanto pela superação das condições determinadas pela opressão racial, dentro do contexto da vivência africana e diaspórica."

também a idosa imponente e afetuosa que serei. Desenho minha avó, meu pai, as crianças de terreiro, a corporeidade, a musicalidade e a circularidade inerentes do ato de contar uma história.

Todas essas transformações impactariam, também, as maneiras como eu viria a me posicionar e perceber o ofício que estava construindo naquele momento. Ser uma professora que compreende e promove a consciência racial, social e de gênero nas crianças, por meio de propostas pedagógicas e abordagens lúdicas, ajustadas a seus contextos e idades, passou a ser o meu principal objetivo de formação e foi assim, que naquele primeiro momento, eu encontrei na literatura infantil os meios necessários de promover importantes debates no terreno das salas de aula que ainda ocuparia.

Antes da graduação eu não havia tido o contato necessário com os livros de literatura infantil e naquele momento, pelo fato de os livros terem me tocado e também contribuído para o meu processo de reflexão sobre questões tão presentes em meu cotidiano, como nossas crenças, culturas, festividades e relações, percebi a literatura, principalmente, como um instrumento, um condutor para alcançar os propósitos relativos à educação para as relações étnico-raciais.

Educação para as relações étnico-raciais, uma educação antirracista, está relacionada à Lei nº 10.639/03-MEC que depois foi modificada pela Lei nº 11.645/08-MEC, que alteram a LDB (Lei Diretrizes e Bases) e podem ser compreendidas como um conjunto de ações e abordagens educacionais, de dimensões teórico-metodológicas, que visam garantir o reconhecimento e a valorização das identidades, histórias e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas, reconhecendo a diversidade e a complexidade de suas narrativas, bem como suas contribuições e participação ativa no processo de construção da sociedade brasileira. É, também, um conjunto de políticas de reparação, diretrizes e estratégias pedagógicas que implicam na busca por justiça social e racial, tendo como objetivos a superação do racismo e a construção de uma sociedade justa e igualitária. Sobre as perspectivas suscitadas pela lei 10.639/03 no contexto das escolas brasileiras, a professora Nilma Lino Gomes e o professor Rodrigo Ednilson de Jesus, ampliam:

> A aprovação e a paulatina implementação dessa legislação, fruto das pressões sociais e proposições do movimento negro brasileiro, juntamente com os demais aliados da luta antirracista, sinaliza avanços na efetivação de direitos sociais educacionais e implica o reconhecimento da necessidade de superação de imaginários, representações sociais, discursos e práticas racistas na educação

> escolar. Implica, também, uma postura estatal de intervenção e construção de uma política educacional que leve em consideração a diversidade e que se contrapõe à presença do racismo e de seus efeitos, seja na política educacional mais ampla, na organização e funcionamento da educação escolar, nos currículos da formação inicial e continuada de professores, nas práticas pedagógicas e nas relações sociais na escola. (GOMES; JESUS, 2013, p. 22)

Enquanto conhecia, processualmente, as linguagens expressadas nos livros e construía minha identidade profissional, ia, também, ampliando, ao lado de colegas e professores, um acervo literário, estético e referencial que ultrapassaria as noções utilitárias, inicialmente percebidas por mim, mas que foram essenciais nos caminhos que estavam por vir. Em meados de 2015, após ganhar experiência junto às crianças do segundo ano do Ensino Fundamental, em um estágio de observação participante no Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais (CP-UFMG[3]), muito já havia se transformado em minha relação com os livros e a relação diária com as crianças, seus dilemas, suas linguagens e suas culturas me indicavam a direção para perceber a literatura em toda sua complexidade e inesgotável potencialidade como linguagem de expressão cultural. Algo muito além de um mecanismo didático de conscientização, mas uma "literatura tão somente", aonde vamos quando tentamos "compreender, para conhecer algo mais acerca de nossas contradições, nossas misérias e nossas grandezas, ou seja, acerca do mais profundamente humano" (ANDRUETTO, 2012, p. 53), como nos explicita a escritora e pesquisadora María Teresa Andruetto:

> Uma narrativa é uma viagem que nos remete ao território de outro ou outros, uma maneira, então, de expandir os limites de nossa experiência, tendo acesso a um fragmento de mundo que não é o nosso. Reflete uma necessidade muito humana: a de não nos contentarmos em viver uma única vida e, por isso, o desejo de suspender um pouco o transcurso monocórdio da própria existência para ter acesso a outras vidas e outros mundos possíveis, o que produz, por um lado, certo descanso ante a fadiga de viver e por outro, o acesso a aspectos sutis do humano que até então nos haviam sido alheios. Assim, as ficções que lemos são construção de mundos, instalação de "outro tempo" e de "outro espaço" "nesse tempo e nesse espaço em que vivemos. Uma narrativa ficcional é, portanto, um artifício, algo, por sua própria essência, liberado de sua condição utilitária, um texto no qual as palavras fazem outra coisa, deixaram de ser funcionais, como deixaram de sê-lo os gestos no teatro, as imagens no cinema, os sons na música, para buscar, através dessa construção, algo que não existia, um objeto autônomo que se agrega ao real. A ficção, cuja virtualidade é a vida, é um artifício cuja leitura ou escuta interrompe nossas vidas e nos obriga a perceber outras vidas que

[3] O Centro Pedagógico da UFMG é um Colégio de Aplicação ligado à Universidade Federal de Minas Gerais. Escola pública que, desde 2006, é responsável pelo Ensino Fundamental de nove anos.

> já foram, que são passados, posto que são narradas. (ANDRUETTO, 2012, p. 55)

Abrir um livro é, também, uma possibilidade de conhecermos infinitos universos, nos distanciarmos de nossas individualidades e, no movimento de retorno a nós, nunca o fazermos ilesos das transformações, impactos e reflexões que toda viagem é capaz de nos proporcionar.

Simultaneamente ao estágio no CP-UFMG, experiencio outra vivência importante de trabalho e pesquisa com o Ceale (Centro de alfabetização e letramento – FaE UFMG), no contexto do Programa Nacional Biblioteca na Escola - PNBE. Segundo definição disponível no site do Ceale:

> Criado em 1997 pelo MEC, o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) tem como objetivo promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura. O Programa compreende ações de avaliação e distribuição de obras literárias, obras de cunho teórico e metodológico (PNBE do Professor) e periódicos de conteúdo didático e metodológico (PNBE Periódicos) para escolas da educação infantil, ensino fundamental e médio. (CEALE, 2013)

Como bolsista, minha função era organizar os livros participantes da seleção do programa para o envio aos pareceristas. Em uma segunda etapa do trabalho, com os livros já enviados, avançávamos então para a etapa de organização e registro dos pareceres devolvidos pelas equipes de pareceristas de todo o Brasil.

Anos depois fui capaz de avaliar que, estando na companhia dos livros, enquanto exercia uma função técnica, burocrática e que em muitos momentos exigia força física, como carregar e seriar as caixas de livros, listar, organizar e embalar lotes das obras para envio aos pareceristas, dois importantes movimentos, ainda que prematuros, já estavam em curso em minha formação. Tais movimentos, mais adiante, subsidiariam minha percepção, concepção e conceituação dos livros ilustrados contemporâneos, que passariam a ser não somente um objeto de estudo e investigação, mas, sobretudo, expressões do meu ofício.

A possibilidade de ler a diversidade de texturas, formatos, temáticas e expressões, contribuiu para o início do entendimento de um dos pilares do livro ilustrado: a materialidade enquanto recurso central e elemento narrativo dos livros. Consciência que se completaria, sem se encerrar, ao processo de compreensão iniciado a partir do contato com os pareceres de especialistas e pesquisadores das áreas da literatura para as infâncias e da leitura literária nas escolas.

Ler, ver e sentir os livros na etapa inicial do trabalho e ler e buscar sentidos nos pareceres, na segunda etapa do processo de seleção, me provocaram a continuar buscando a companhia dos livros para as crianças como objetos artísticos, históricos e culturais e, também, as pesquisas, produções e produtores envolvidos no fenômeno do livro ilustrado, dentro e fora dos contextos escolares.

Após a passagem pelo Ceale, fui convidada pela professora doutora Mônica Correa Baptista a participar do processo seletivo para uma bolsa de pesquisa e extensão no programa LEPI - Leitura e Escrita na Educação Infantil e na Bebeteca[4] (espaço criado e coordenado pelo programa desde 2011), localizada na Biblioteca Alaíde Lisboa Da FaE-UFMG. Segundo informações institucionais, o LEPI:

> [...] registrado, em 2014, no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq, o LEPI/FaE/UFMG tem como objetivo promover o conhecimento acadêmico sobre temáticas relacionadas ao processo de apropriação da linguagem escrita pelas crianças menores de seis anos, em espaços escolares e não escolares. Além de docentes da FaE/UFMG, integram a equipe de pesquisadores (as), professoras voluntárias de outras instituições de ensino superior, estudantes da graduação e da pós-graduação e professoras da Educação Básica das redes públicas e privadas de ensino. As pesquisas e os projetos desenvolvidos pelo LEPI possuem interfaces com o CEALE – Centro de Alfabetização Leitura e Escrita da Faculdade de Educação e com o NEPEI – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Infância e Educação Infantil, ambos da Faculdade de Educação da UFMG. Podem ser citados como temas de interesse de pesquisa: Avaliação de políticas públicas de formação de professores/as; Currículo e educação infantil; Avaliação da/na educação infantil; Papel da educação infantil no processo de apropriação da linguagem escrita pelas crianças; Concepções de professoras de creches e pré-escolas sobre alfabetização na educação infantil; Relação entre educação infantil e ensino fundamental; Os processos de seleção de livros pelas professoras da educação infantil; Os processos de seleção de livros pelas crianças; Livros ilustrados e primeira infância; Políticas de compra e de distribuição de livros para instituições de educação infantil; Bibliotecas escolares em creches e pré-escolas; Livros de literatura infantil e crianças com deficiência visual; Censura na Literatura Infantil; Literatura oral; Questão étnico racial e os livros para crianças da educação Infantil, entre outros. (LEPI)[5]

Nesta nova fase de pesquisas e aprofundamentos, participei de tertúlias literárias, ciclos de formações, seminários, congressos, estudos, análises literárias e formações de mediadores de leitura literária na primeira infância, em parceria com as(os)

[4] Espaço de acolhimento, leituras e vivências literárias projetado especificamente para atender as necessidades especificas de bebês e crianças de 0 a 6 anos. Tem como objetivo central o fomento e a promoção da leitura literária na primeira infância.

[5] https://lepi.fae.ufmg.br/

coordenadoras, professoras(es) e crianças da Escola Municipal de Educação Infantil EMEI - Santa Amélia, localizado na regional Pampulha, em Belo Horizonte (MG). Todas essas passagens e atravessamentos impactaram minha formação acadêmica e docente, direcionando, significativamente, não só a minha escolha pela atuação na etapa da Educação Infantil, mas, principalmente, na maneira como a literatura se faria presente e essencial em minhas práticas pedagógicas.

Em 2016, já pedagoga, iniciei o trabalho docente como professora em uma das poucas escolas de educação Freinet do Brasil, a única, até então, em Minas Gerais. A pedagogia Freinet é o conjunto de princípios e abordagens teórico-metodológicas criadas por Celestin Freinet[6], principal nome do Movimento da Escola Moderna Francesa do início do século XX. "No pensamento freinetiano, a criança ocupa posição central no que cerne às práticas pedagógicas, pois o educador a vê como um ser atuante no processo de aprendizagem, sujeito que pensa, age, constrói e reconstrói seu conhecimento" (TAVARES SANTOS; AMORIM; NOLASCO DE CASTRO, 2012, p.294).

Ao lado das crianças e suas famílias, pude desenvolver práticas pedagógicas pensadas a partir dos contextos e realidades socioculturais do grupo. A literatura oral[7] e escrita passou a ocupar, desde o primeiro ano de trabalho, um significativo espaço físico e simbólico nas relações entre as crianças e os adultos, dentro e fora do território escolar. A este processo de significação construído por meio dos livros, suas linguagens e suas histórias, chamamos de letramento literário.

A experiência na Educação Infantil me possibilitou conviver e compartilhar o cotidiano com as crianças pequenas, acompanhar e vivenciar com elas uma particular maneira de pensar, experienciar, ver e compreender o mundo.

---

[6] Celestin Freinet (1896 - 1966) foi professor de crianças pequenas na França, em 1920, após atuar nos combates da Primeira Guerra Mundial. Foi também socialista: "[...] inspirado pelo pensamento de Marx e Engels, passando a criticar a insuficiência e a péssima qualidade da instrução que os filhos da classe trabalhadora recebiam, marcada pelo autoritarismo, pela passividade dos educandos e pelo ensino "defasado em relação à realidade social e ao progresso científico, fossilizados em manuais escolares" (PAIVA, 1996, p.10). Freinet tomou consciência do papel que o ensino público exercia sobre a classe menos favorecida, num sentido de dominação. A partir dessa consciência, optou pela proposta de militar em favor de uma escola para o povo lutando por mudanças nas estruturas sociais de sua época." (CAETANO; ESTEVES BORTOLANZA, 2018, p.33)

[7] Literatura oral é a expressão e a transmissão das histórias, poesias, canções, contos tradicionais, contos de origens, lendas, adivinhas, provérbios e parlendas expressadas, vivenciadas e transmitidas por meio da tradição oral. A oralidade é aqui compreendida como um dos valores civilizatórios afro-brasileiros, conforme nos indica a professora doutora Azoilda Loretto da Trindade. (2005, p.33)

No contexto da educação freinetiana, essas percepções eram diariamente documentadas no livro da vida. O livro da vida é uma das tantas práticas metodológicas pertencente ao eixo de documentação, propostas por Célestin Freinet. Neste suporte as crianças e os adultos da turma registram suas experiências de vida - e não apenas aquelas ocorridas dentro da escola -, com o objetivo de criarem um acervo de memórias individuais e coletivas vividas ao longo do ano. O livro, confeccionado com folhas em branco, no tamanho A3 (42x29,7cm), com capa e quarta-capa criadas pelas próprias crianças se configura, principalmente, como um dos mais relevantes mecanismos expressivos do grupo. Neste objeto, ficam registrados as novidades, descobertas, sentimentos, notícias, experiências boas ou ruins, atas de assembleias, poesias, indagações, hipóteses e provocações coletadas e percebidas durante o percurso.

Dessa maneira, mais do que uma prática de avaliação processual, o livro da vida passa a se configurar como um recurso histórico-cultural, tendo registros de diferentes intencionalidades e teores, ora informativo, ora expressivo e literário, onde as crianças e adultos podem voltar sempre que quiserem, para se emocionarem e analisarem seu próprio crescimento pessoal e coletivo. Assim como no livro de artista, o livro da vida também é um território de liberdade nas experimentações artísticas, é o terreno para registro dos olhares sobre o aqui e o agora. Neste contexto, a partir dessa organicidade vivida diariamente ao lado das crianças, em diálogo com as vivências lúdicas, bem como da paixão pela literatura para as infâncias, despertou em mim uma inédita necessidade expressiva. Voltar a brincar por meio dessa docência autora, demandante do exercício diário da criatividade, também me formou autora de livros ilustrados.

3

COMO NASCE UMA AUTORA?
TERRITÓRIOS DO EXERCÍCIO AUTORAL

Em fevereiro de 2023, quando Tarsila, à época com 10 anos, me perguntou em uma entrevista para seu trabalho escolar, como nasce um livro, a resposta surgiu em meio a pausas reflexivas, titubeios e metáforas. Hoje, ao revisitar a explicação dada a estudante, imediatamente surgem novas perguntas: como nasce uma autora? o que é ser uma autora? o que é criar? As respostas, que já se apressam a saltar, também me angustiam ao parecer abstratas e impalpáveis.

A ideia de definir os significados contidos no conceito de autoria, ou responder as perguntas que aqui se fazem geradoras, é ao mesmo tempo ousada e limitadora. E ainda que consigamos observar intercessões no processo de criação de diferentes autores, autoras, artistas e designers, a percepção do que é ser autoral me parece estar relacionada a questões de natureza intima e subjetiva. A fim de não corrermos o risco de encerrarmos nossa conversa, bem como o potencial reflexivo em torno das perguntas colocadas, tomo emprestado algumas contribuições e significados partilhados por três autoras de livros ilustrados que são, também, importantes inspirações e referências em meu próprio processo de produção artística e literária. São reflexões em torno de seus processos criativos que nos ajudam a pensar a arte e o ofício da criação de livros.

Suzy Lee, uma das primeiras autoras de livro ilustrado em que tive contato no início do meu processo de letramento literário ilustrado[8], por meio dos livros *Onda (2010), Espelho (2003) e Sombra (2010),* denominado pela autora como *"trilogia da margem" (2012, Cosac Naify)*, me impactou, inicialmente, por sua beleza. Em um segundo momento, a partir de um olhar mais atento e minucioso, pela sofisticação na

[8] Letramento literário ilustrado como o processo de apropriação das linguagens próprias dos livros ilustrados, envolvendo uma maneira particular e intima de leitura deste tipo de livro. A criação de sentidos, por parte dos leitores, que levem em conta a especificidade na leitura dos elementos que estruturam essas obras, como a percepção dos significados essenciais que surgem a partir da interação entre palavras, imagens e o objeto, bem como a ampliação dos repertórios referenciais e simbólicos contidos nesta linguagem. Um conceito a ser construído, ampliado e melhor definido.

capacidade narrativa multidimensional, onde palavras, imagens e o objeto sustentam com genialidade a história contada nos livros. Para a autora:

> O artista é alguém que busca oportunidade para solucionar problemas ou alguém que voluntariamente cria problemas para serem resolvidos. Para a maioria, as soluções podem ser encontradas no próprio trabalho. Já que o artista é quem melhor o conhece. O artista aprende durante o processo. O livro seguinte, sem dúvida, será melhor que o anterior. (LEE, 2012, p.172)

Ao falar de sua "trilha" autoral, a artista plástica, autora e pesquisadora de livros ilustrados Aline Abreu, nos conta que sua relação com os livros está ligada, também, por uma experiência tátil e corpórea, em como o corpo do leitor se entrelaça ao corpo do livro e em cada uma de suas partes. São reflexões sobre a maneira como ela se conecta ao livro enquanto objeto de arte é, também, confidências sobre os modos como vê e senti o que a impulsiona em direção a materialidade dos livros, recurso narrativo essencial nos livros ilustrados e característica marcante em suas próprias produções literárias (ABREU, 2013, p.12). Para a autora, que se denomina "fazedora de livros", criar é, também, estabelecer relações:

> Como artista impregnada da compreensão de que criar na contemporaneidade significa estabelecer novas pontes, inventar, não coisas, mas relações, minha entrada no Programa de Literatura e Crítica Literária carregava desde o princípio a ambição de compreender os mecanismos de sustentação para as pontes que eu já buscava inventar na prática." (ABREU, 2013, p.12)

Em uma conversa pessoal com a autora e ilustradora Clara Gavilan, ela reflete sobre o que, para ela, é ser autora e, também, sobre o potencial expressivo inerente ao exercício da criação:

> Ser autora é se despir e colocar no papel o que está transbordando. É uma entrega. E quanto mais a gente se coloca naquele universo que estamos construindo seja na criação do texto ou das palavras, mais autoral é aquele trabalho. Acho que exige uma coragem, porque a gente se expõe. Normalmente quando tenho algo transbordando em mim e levo para alguma linguagem, seja um livro ilustrado, uma ilustração, uma tirinha, eu me sinto mais leve. (GAVILAN, 2023)[9]

Com a ajuda de Suzy Lee, Aline Abreu, Clara Gavilan e tantos outros autores e autoras que me inspiram, reflito que criar ou compor é gerar, preencher algo de significados por meio de

[9] conversa pessoal com a autora, via whatsapp.

uma ou mais linguagens. Fazer nascer o que não há, sempre a partir do que há. É manejar aquilo que já está, a fim de criar o que se prenuncia. O autoral é o agora impregnado de antes. É o futuro prenhe do passado. Penso não ser possível criar, artisticamente, algo completamente novo, desconsiderando aquilo que nos rodeia e/ou que veio antes de nós. Fazemos parte de uma complexa rede de criações que nos alcança, nos atravessa, nos modifica e é modificada, também, a partir de sua passagem em nós. A esta rede podemos chamar de cultura? Maria Vilani escreve lindamente sobre o ato de criar como uma herança ancestral:

> TODAS AS VOZES ECOAM EM NÓS
> As vozes dos séculos sobre a minha cabeça, impregnando o meu corpo, a minha alma e tudo que há em mim; em tudo que compõe a minha existência estão às vozes de todos os tempos, esse peso que eu carrego, e ainda em vida leguei a outros transeuntes desse caminho, essa responsabilidade, e o dever de perscrutar as vozes das rochas fincadas no Planeta, o coral dos ventos, dos mares, dos rios, dos lagos, das chuvas, das erosões e do tempo. O registro das vozes dos animais que por ali caminharam, arrastaram-se, nadaram, voaram... a voz represada nas pinturas rupestres, cada traço naquelas rochas, a voz da intencionalidade de cada autor, dos seus pensamentos, dos seus sentimentos, dos seus movimentos, vozes adormecidas no tempo e despertadas pela Memória do Mundo. Essas vozes gritam em nós, gritam por nós e gritam para nós. (VILANI, 2022)

Antes de criar livros ilustrados no território da literatura, percebo que meu campo de criação foi a docência, uma vez que toda professora ou professor, em meio às urgências educacionais, se faz, também, autora, tendo como uma das mais importantes bases de seu ofício a criatividade. A convivência diária com as crianças durante três anos, a criação de vínculos de afeto, os conflitos e desafios, as descobertas, a curiosidade impulsionando a construção e mediação dos projetos, o educar indissociável do cuidar, as necessidades constantes de questionar e rever meu fazer docente, bem como as contribuições das reflexão surgidas a partir da constante formação continuada de caráter ético e político envolvendo os debates relativos às infâncias e suas especificidades, me colocaram em uma complexa, porém transformadora, posição de educadora pesquisadora e participante.

O professor que se entrega verdadeiramente ao grupo de crianças e se integra como participante das descobertas e vivências, experimenta com elas o que Madalena Freire denomina como paixão (FREIRE, 1983). Sobre esta condição de partilha e curiosidade nutrida entre educadores e crianças, a autora, em *A paixão de conhecer o mundo*, explicita, ao refletir sobre sua própria prática:

> [...] comecei a embrenhar-me, junto com as crianças, num mesmo fluxo de inquietações e buscas. Comecei a viver desde aí o processo educativo

> como um todo, inquieto, curioso, vital e apaixonado. É que, se a prática educativa tem a criança como um de seus sujeitos, construindo seu processo de conhecimento, não há dicotomia entre cognitivo e o afetivo, e sim uma relação dinâmica prazerosa de conhecer o mundo. (FREIRE, 1983, p.15)

A esse fluxo de saberes, atravessamentos e construções cognitivas e afetivas, Paulo Freire contribui: "Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender." (FREIRE, 2017, p.25)

Entre as demandas essenciais no trabalho com crianças pequenas na Etapa da Educação Infantil, destaca-se a necessidade de eleger e privilegiar as linguagens lúdicas como centrais e suleadoras[10] das experiências vividas em turma. Dessa forma, o brincar, bem como as variadas linguagens artísticas, passam a ocupar o centro das abordagens pedagógicas dos territórios próprios da Educação Infantil. O papel do educador(a) na educação infantil é, também, o de manter vivo nas crianças o interesse pelo sensível que nos atravessa. Como nos informa a professora pós-doutora, líder do grupo de pesquisa Leitura e Escrita na Primeira Infância - LEPI (CNPq) e coordenadora do projeto Leitura e Escrita na Educação Infantil (MEC/UFMG/UNIRIO/UFRJ), Mônica Correia Baptista, este compromisso com as infâncias, se relacionará com a maneira como apresentamos, representamos e vivenciamos as manifestações artísticas e culturais junto às crianças, em especial as literárias (BAPTISTA, 2022, p.11). Segundo BAPTISTA:

> Penso ser esse o nosso dever como adultos: acolher as crianças, amparálas, apresentando a elas o belo, os extraordinários, o prodigioso, o maravilhamento de estarmos vivos, de sermos humanos e de podermos continuar a existir nos outros. Somente a arte e a cultura são capazes desse feito. E entre as manifestações artísticas, a literatura merece destaque quando falamos em infâncias. (BAPTISTA, 2022, p.11).

O trabalho docente com crianças pequenas exige essa linguagem e identidade própria. Penso ser impossível passar pela Educação Infantil sem se reencontrar com a

[10] "Sulear é um termo proposto pelo professor-pesquisador e físico da UNICAMP (Universidade de Campinas-SP) Marcio D'Olne Campos. Sulear vem contrapor o termo nortear, propondo que mudemos as referências e percepções no processo de construção de conhecimentos. O autor propõe que visibilizemos os modos de fazer pesquisa e aos conhecimentos produzidos no Sul, não partindo do conhecimento do Norte como universais, como única referência (CAMPOS, 1991; CAMPOS, 2019). Outro lugar que encontramos o termo é no livro Pedagogia da Esperança (1992) do Paulo Freire em que ele traz o termo para discutir, também, o falar com e na terceira edição, a nota de rodapé dialoga diretamente com os estudos do professor Marcio D'Olne Campos" (Luz, 2023, s/p).

própria infância e com suas expressões. Voltar a brincar, se perguntar, dar e receber colo, perceber e se emocionar com as miudezas e com o ordinário que nos rodeia foi inevitável para mim. Ao lado das crianças e das colegas de trabalho, emparada pelas linguagens e manifestações lúdicas, artísticas e culturais, a docência me pariu autora.

4

O PROCESSO DE CRIAÇÃO DOS LIVROS ILUSTRADOS

Em 2017, simultaneamente ao meu trabalho docente, iniciei de forma livre e autônoma, estudos e pesquisas sobre a utilização prática da aquarela, o primeiro material artístico explorado por mim. Como minhas referências artísticas vinham dos livros de literatura infantil, escrever e ilustrar livros também passou a ser um objetivo pessoal e em 2018 criei minha primeira sequência narrativa, o fanzine *Mulheres que guardo em mim*, uma poesia visual publicada de forma independente e produzida artesanalmente, inspirada nas memórias reais e fabuladas da minha relação com minha mãe, avó e bisavó.

Em 2019, escrevi e ilustrei meu primeiro livro em parceria com a Editora Crivo, por meio do selo Crivinho. *Coração do mar*, inspirado em minhas memórias de infância, da saudade e da expectativa de encontro com o mar, bem como dos momentos que passei perto dele, conta a história da menina Odara e da sua relação de amor e respeito com Iemanjá, orixá pertencente ao panteão Iorubá, regente das águas e mares. *Coração do mar*, representa também as relações de cuidado e afeto intrafamiliares, evocando sentimentos sobre a maternidade. A obra referencia explicitamente a religiosidade negro-brasileira, celebrando as crianças de terreiro, seus saberes e culturas. Segundo Cristiane Cortês (2020), doutora em Letras, Literatura Comparada pela UFMG, pesquisadora do NEIA – Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade:

> A religiosidade de matriz africana é um elemento de suma importância para a literatura afro-brasileira. Não há como abordar a cultura e a tradição afrodescendente sem mencionar a tradição mitológica. As práticas religiosas provenientes de África, em geral, carregam uma conotação negativa e isso acaba por proporcionar uma posição de distanciamento da população negra em relação a elas. Esses equívocos são, não raro, provocados pelo desconhecimento e quando abordado na literatura infantil, abre-se uma possibilidade de minimizar o preconceito produzido pela ignorância relacionada ao tema. Nesse sentido, *Coração do mar*, traz uma importante contribuição não apenas por retratar a questão, mas pelo respeito e naturalidade com que o assunto permeia a trama da história. (CORTÊS, 2020)

Depois de *Coração do mar* e sua importante trajetória de circulação entre leitores da primeira infância, percebi que havia um público de famílias atentas às minhas produções, disponíveis a apoiar meus próximos trabalhos. E, quando surgiu a ideia de

criar o *Se eu fosse uma CASA*, nasceu também a possibilidade de construir, ao lado da Tuya Edições e em meio a uma pandemia, um projeto de financiamento coletivo, uma vez que o incomum projeto gráfico do livro (capa dura, pôster colado e acabamento artesanal) elevava consideravelmente os custos de produção. As metas da campanha de financiamento coletivo foram superadas e, ainda que tímida, a tiragem de 1.000 exemplares circulou com força em vários estados brasileiros. O *Se eu fosse uma CASA* alcançou sua segunda impressão em 2022 e foi reconhecido com o Selo Seleção Cátedra Unesco de Leitura PUC-RIO e Recomendados Emília 2020.

Por meio desses trabalhos, alcancei outras editoras e participei como coautora de outros importantes projetos, como *O sapo iluminado*, escrito por Tânia Cristina Dias (2021, Aletria Editora), *Dandara Guerreira em Cordel*, escrito por Madu Costa (2022, Mazza Edições), *Menina Pretinha/Menino Pretinho*, ilustrado em parceria com o também autor e ilustrador Rodrigo Andrade, escrito por Kiusam de Oliveira (2022, Leiturinha), *Cosmonauta,* escrito por Mario Alex Rosa (2022, Aletria Editora), um dos selecionados para a lista dos 30 melhores livros infantis do ano, edição 2023, da Revista Crescer, *Absurdos*, escrito por Gisele Teixeira (2023, Tuya Edições), *Um dia Feliz*, escrito por Patricia Santana (2023, Aletria Editora), *Travesseiro de Vento*, escrito por Norma Chie (2023, Inteligênios) e *Chuva de Jabuticabas*, escrito por Otávio Júnior (2023, Ed. Viajantes do Tempo).

Fevereiro, uma narrativa que percorreu vários tempos e espaços, atravessando minha infância, minha história familiar e minha formação artística por meio de outros sentidos e memórias foi, também, publicado em 2023 pela Editora Caixote. Escolho esta obra para compartilhar detalhes dos bastidores do seu nascimento, por ela ter parte de seu processo inicial de criação acontecido na companhia e com as contribuições dos também autores de livro ilustrados Carolina Moreyra e Odilon Moraes, em uma oficina de Criação de Livros Ilustrados, realizada em 2022, n'A Casa Tombada, sob coordenação de Cristiane Rogério.

Em 2021, quando assisti o documentário *Tempo Rei* (1996), de Lula Buarque de Hollanda e Andrucha Waddington, que passeia pelas lembranças, histórias e obra de Gilberto Gil, fui impactada por um gatilho importante para a criação do livro. Quando o cantor e compositor compartilha suas lembranças de infância, carregadas de emoção, ao

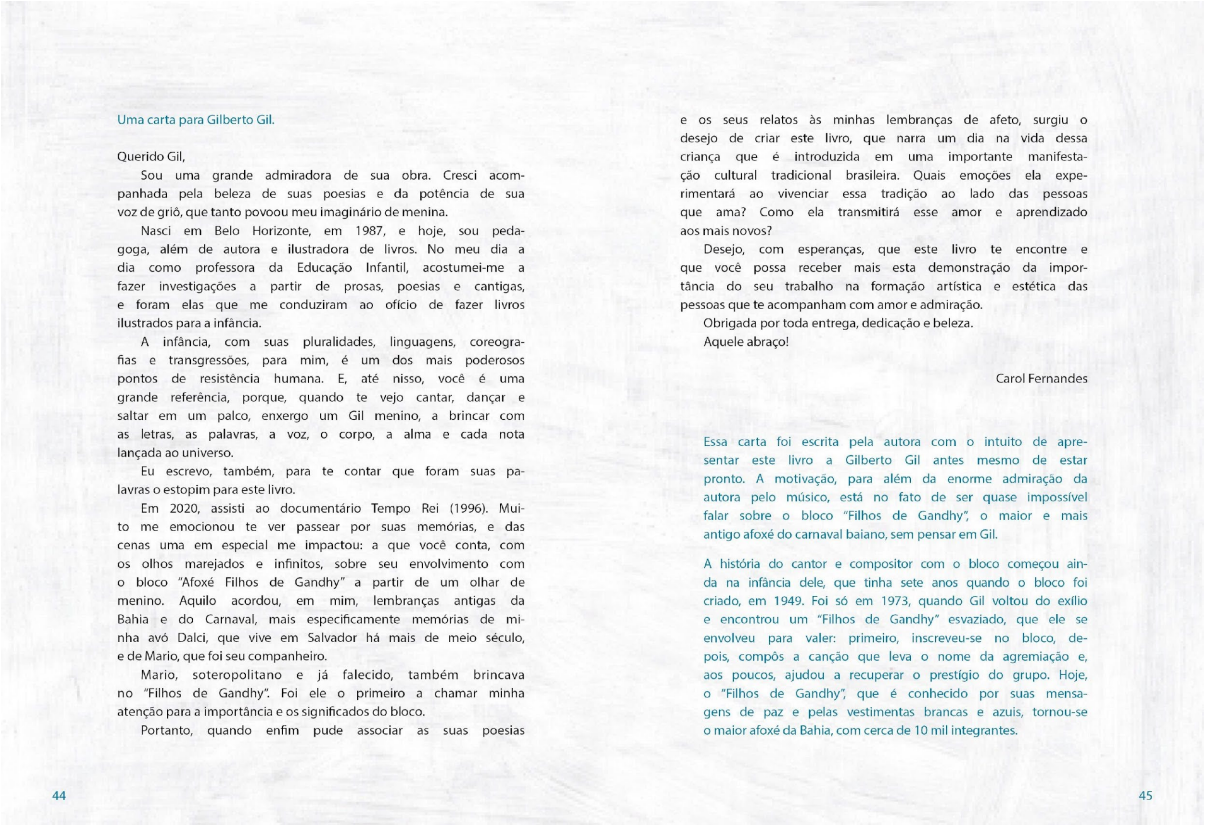
presenciar e participar dos cortejos do *Bloco Afoxé Filhos de Gandhy*[11], algumas memórias de minha própria infância, que descansavam há anos em mim, foram acordadas. Surgiu então a ideia de escrever, com palavras e imagens, uma narrativa que celebrasse o olhar da infância sobre as manifestações e festividades culturais que formam e estruturam nossas identidades.

Como uma criança vive o preparativo de uma festividade ao lado de sua família e comunidade? Quais sabores, cheiros e cores ela sente? O que a excita? O que a desequilibra? Como ela apreende e como ensina o que vive e a atravessa profundamente? Essas perguntas, desaguadas na oficina online de criação de livro ilustrado, ministrada pela autora Carolina Moreyra e o autor Odilon Moraes, em janeiro e fevereiro de 2022, n'A Casa Tombada, conduziram a criação de *Fevereiro*.

No contexto da oficina, muitas vozes, cores, texturas e memórias dançaram em mim e assim, ao lado dos professores e colegas, iniciei a organização de parte do acervo simbólico de lembranças, intenções e desejos que circundavam o universo que pretendia materializar.

Este percurso foi contextualizado no final do livro, com uma carta ao Gilberto Gil [figura 1], em que conto como tudo começou e como eu significuei o processo criativo da obra.

[11] O afoxé Filhos de Gandhy, fundado por estivadores portuários da cidade no dia 18 de fevereiro de 1949, tornou-se o maior e dito o mais belo Afoxé do Carnaval da Bahia, em Salvador. Constituído exclusivamente por homens e inspirado nos princípios de não violência e paz de Mahatma Gandhi, o bloco traz a tradição da religião africana ritmada pelo agogô nos seus cânticos de ijexá na língua Iorubá. (Disponível em: https://pelourinhodiaenoite.salvador.ba.gov.br/afoxe-filhos-de-gandhy/)



Uma carta para Gilberto Gil.

Querido Gil,

Sou uma grande admiradora de sua obra. Cresci acompanhada pela beleza de suas poesias e da potência de sua voz de griô, que tanto povoou meu imaginário de menina.

Nasci em Belo Horizonte, em 1987, e hoje, sou pedagoga, além de autora e ilustradora de livros. No meu dia a dia como professora da Educação Infantil, acostumei-me a fazer investigações a partir de prosas, poesias e cantigas, e foram elas que me conduziram ao ofício de fazer livros ilustrados para a infância.

A infância, com suas pluralidades, linguagens, coreografias e transgressões, para mim, é um dos mais poderosos pontos de resistência humana. E, até nisso, você é uma grande referência, porque, quando te vejo cantar, dançar e saltar em um palco, enxergo um Gil menino, a brincar com as letras, as palavras, a voz, o corpo, a alma e cada nota lançada ao universo.

Eu escrevo, também, para te contar que foram suas palavras o estopim para este livro.

Em 2020, assisti ao documentário Tempo Rei (1996). Muito me emocionou te ver passear por suas memórias, e das cenas uma em especial me impactou: a que você conta, com os olhos marejados e infinitos, sobre seu envolvimento com o bloco "Afoxé Filhos de Gandhy" a partir de um olhar de menino. Aquilo acordou, em mim, lembranças antigas da Bahia e do Carnaval, mais especificamente memórias de minha avó Dalci, que vive em Salvador há mais de meio século, e de Mario, que foi seu companheiro.

Mario, soteropolitano e já falecido, também brincava no "Filhos de Gandhy". Foi ele o primeiro a chamar minha atenção para a importância e os significados do bloco.

Portanto, quando enfim pude associar as suas poesias e os seus relatos às minhas lembranças de afeto, surgiu o desejo de criar este livro, que narra um dia na vida dessa criança que é introduzida em uma importante manifestação cultural tradicional brasileira. Quais emoções ela experimentará ao vivenciar essa tradição ao lado das pessoas que ama? Como ela transmitirá esse amor e aprendizado aos mais novos?

Desejo, com esperanças, que este livro te encontre e que você possa receber mais esta demonstração da importância do seu trabalho na formação artística e estética das pessoas que te acompanham com amor e admiração.

Obrigada por toda entrega, dedicação e beleza.

Aquele abraço!

Carol Fernandes

Essa carta foi escrita pela autora com o intuito de apresentar este livro a Gilberto Gil antes mesmo de estar pronto. A motivação, para além da enorme admiração da autora pelo músico, está no fato de ser quase impossível falar sobre o bloco "Filhos de Gandhy", o maior e mais antigo afoxé do carnaval baiano, sem pensar em Gil.

A história do cantor e compositor com o bloco começou ainda na infância dele, que tinha sete anos quando o bloco foi criado, em 1949. Foi só em 1973, quando Gil voltou do exílio e encontrou um "Filhos de Gandhy" esvaziado, que ele se envolveu para valer: primeiro, inscreveu-se no bloco, depois, compôs a canção que leva o nome da agremiação e, aos poucos, ajudou a recuperar o prestígio do grupo. Hoje, o "Filhos de Gandhy", que é conhecido por suas mensagens de paz e pelas vestimentas brancas e azuis, tornou-se o maior afoxé da Bahia, com cerca de 10 mil integrantes.

44

45

Figura SEQ "Figura" * Arabic 1: Carta escrita para o Gilberto Gil que faz parte do livro *Fevereiro*.

A presença da carta em *Fevereiro* funciona também como uma biografia para que os outros tantos destinatários possam conhecer um pouco mais e melhor como nasceu e cresceu este trabalho. Durante o processo de edição do trabalho, tanto eu, quanto a Isabel Malzoni, editora do livro, tínhamos dúvidas quanto a inserção dela. Depois de algumas conversas e reflexões, entendemos que a carta funcionaria como um convite para que os leitores buscassem por mais informações e referências sobre as manifestações em torno do Afoxé e do *Bloco Filhos de Gandhy*. Além de ser, nas palavras de Isabel, uma "gentileza de incluir o interlocutor em nosso universo".

Talvez a carta tenha sido uma das últimas escritas que comporiam *Fevereiro* e, antes dela, muitas outras linhas temporais e linguagens se delinearam em diferentes momentos entre os fevereiros de 2022 e 2023. As palavras, imagens e o próprio objeto, juntos, caracterizariam *Fevereiro* como um livro ilustrado.

Livro ilustrado é aqui compreendido como uma maneira muito especifica de construir uma narrativa, ficcional ou não, com a participação estrutural das linguagens escrita, e visual/imagética, bem como do próprio projeto gráfico do livro (formato,

paginação, diagramação, vincos, dobras e materialidade), que não só acolhe as primeiras linguagens, mas participa ativamente da narrativa.

No livro ilustrado, há uma interdependência entre palavras, imagens e objeto que sustentam a história a ser contada. A natureza própria desse tipo de livro foi exemplificada por meio de inúmeras metáforas, por diferentes artistas e pesquisadores: "dança" (FONSECA, 2022, p.14), "quebra-cabeça" (GAVILAN, 2022, p.25), "concerto polifônico" (MORICONI apud ABREU, 2013, p.83) e/ou "terno bem confeccionado" (LEE, 2012, p.146). Todas essas alegorias têm o objetivo de nos ajudar a compreender a mutualidade entre os pilares constituídos pelas linguagens verbais, visuais e gráficas, como sendo essencial e própria dos livros ilustrados contemporâneos.

Para Odilon Moraes, autor de livros ilustrados e um dos mais importantes pesquisadores e disseminadores do gênero no Brasil:

> No termo livro ilustrado o adjetivo não denota apenas uma qualidade do substantivo - a de conter ilustrações. Ele o transforma em outra coisa. Num livro ilustrado é preciso muita atenção às imagens e à maneira como elas se entrelaçam, não só com as palavras (se as houver), mas também com as outras imagens com as quais ela se relaciona, pois a unidade narrativa se dá com a contribuição de múltiplos elementos. Nele, a palavra altera o sentido das imagens, as imagens alteram o sentido das palavras e a unidade do todo é maior do que a soma dessas partes. (MORAES, 2019, p.21)

Para autora e pesquisadora Aline Abreu, a "tríade palavra-imagem-design"[12] é a responsável pelo que denomina "escritura" e, também, pelas múltiplas leituras e interações propiciadas por esta unidade:

> A escritura não se inscreve propriamente na imagem ou na palavra, nem mesmo no projeto gráfico. Está, antes, evidenciada na forma como tece essas linguagens, de modo a prever leituras possíveis e abrir espaços para outras tantas imprevistas. (ABREU, 2013, p.85).

Partindo dessas contribuições e concepções, detalho, a seguir, parte do processo criativo da produção textual, imagética, gráfica e editorial que permitiram transformar *Fevereiro*, narrativa que nasceu e fez morada em mim, em um livro ilustrado.

---

[12] Nos livros, a palavra *Design* "vem da palavra designo (intenção, projeto), ou seja, o projeto gráfico, sinônimo de design gráfico de um livro, é a proposta particular de uma intenção de leitura à partir de uma junção de textos e imagens em um único objeto" (MORAES, 2008, p. 54).

5
ENTRE FEVEREIROS: MEMÓRIA E AFETO NO PROCESSO CRIATIVO DE *FEVEREIRO*

Não herdei da minha família nenhuma tradição religiosa, mas me lembro que quando criança, durante a semana santa, eu me agitava com a ideia de que haveria uma procissão passando na rua, bem no portão de minha casa. Eu, meus irmãos e meu primo subíamos com facilidade nos altos muros de nossa casa, nos espremíamos e nos equilibrávamos na estreita base, disputando espaço com a copa de um frondoso abacateiro, para assistir a multidão de pessoas que murmuravam um uníssono lamento incompreensível, pelo menos para mim. Eu não sabia ao certo para onde caminhavam, muito menos o porquê, mas me instigava a ideia de que seguiam juntas, na mesma direção. Dezenas e quem sabe até centenas de velas, tremulavam, projetando sombras que contornavam os traços na multidão de rostos e a cena se expressava triste e dramática. Todo meu corpo vibrava de medo e curiosidade. Ainda que me equilibrando desconfortavelmente no estreito muro, eu poderia assistir aquela cena por horas e horas, pois, para mim, poucas coisas eram tão assustadoramente lindas como uma procissão.

De cima daquele muro, apoiada à frutífera amiga da casa vizinha, eu ia, junto aos meus irmãos e primo, formulando hipóteses e explicações. Uma menina, assistindo a cultura passar bem na porta de sua casa.

Como uma criança percebe, enxerga, sente uma manifestação cultural? A primeira e a principal pergunta que me guiou durante a construção de *Fevereiro*, já estava em mim, bastava apenas que eu me lembrasse e eu me lembrei.

Havia, desde antes deste livro, um desejo de retratar um menino negro em uma trama ficcional banhada de afetos familiares, com cenas centrais de homens exercendo, demonstrando, trocando afeto entre eles e as crianças, com o objetivo de combater os estereótipos brutais, historicamente associados aos homens negros, de violência e agressividade. Tal intensão dialogou fortemente com uma das características principais do *Bloco Afoxé filhos de Gandhy*: um coletivo composto tradicionalmente por meninos e homens.

Representar, por meio de imagens e palavras poéticas, homens negros, ao lado de crianças e mulheres, convivendo em harmonia e fomentando cultura é uma estratégia antirracista, que, por meio da literatura, contrapõe narrativas racistas e sexistas, que

desumanizam, limitam, encarceram e exterminam meninos, jovens e homens negros. É, também, pelas histórias que serão contadas, lidas e relidas nas famílias, escolas e bibliotecas que teceremos possibilidade de reconhecimento e (re)construção de uma autoimagem positiva de si e dos outros, onde crianças negras, indígenas e não brancas poderão se reconhecer nestes lugares de afeto, como nos aponta Glauciane Santos, graduada em letras e professora do ensino fundamental e médio e mestre em estudos literários - literatura brasileira:

> Inferimos que os contos, os mitos, as lendas e outras narrativas infantis podem influenciar fortemente seu público alvo. Vale destacar que a literatura não é neutra, ela tende a desarticular estruturas estáticas, já cristalizadas no tempo, podendo formar ou deformar a consciência. É nesse contexto que a literatura infantojuvenil e as relações raciais, sob o prisma da Lei 10.639/03, têm sua importância. Com isso, não queremos de forma alguma transformar a literatura e tratá-la como um mecanismo propagador de ideias para forjar certos padrões de comportamento, certamente é incorrer em equívocos. Mas não podemos ocultar que durante muito tempo as representações do negro, presentes em muitos livros de literatura para crianças e jovens no Brasil, eram majoritariamente negativas. (SANTOS, 2021)

Por conseguinte, ao entrarem em contato com tais representações, crianças brancas terão a oportunidade de ampliar suas leituras de mundo e sociedade, aprendendo sobre os valores, belezas e contribuições existente na história e na população negro-brasileira. Ananda Luz, pesquisadora de livros para as infâncias, mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais, afirma que:

> A infância que não sofre por se encontrar constantemente nos livros, perde a oportunidade de conhecer mais, ampliar as percepções das outras pessoas e de si e, principalmente, de saber que ao seu redor há muitas vidas e cada uma delas carregam em si muitas, mas muitas histórias que precisam ser contadas. O acesso às histórias é um direito, é uma possibilidade de mergulhar em si próprio e, ao mesmo tempo, encontrar inúmeras outras pessoas e suas diferentes formas de ver, ouvir, ser e estar no mundo. (LUZ, 2023, p.6)

Uma narrativa protagonizada por um menino negro, soteropolitano, feliz, amado e cercado de elementos que despertam sua curiosidade, pertencente a uma família constituída de história, ancestralidade, acolhimento, significados culturais e apoio mutuo, dialoga com a demanda de promoção de narrativas ricas em representações positivas acerca das comunidades e identidades negras, mas, também, com aquilo de mais essencial

que experimentamos em grupo, o aprendizado das manifestações culturais construído em família. O comum que nos faz ser quem somos, que nos nutri e nos pavimenta.

Em meio a estas reflexões, imersa às referências e inspirações que emergiam de minhas próprias lembranças, do universo simbólico de Gilberto Gil e nutrida pelas referências dos registros históricos e acervos fotográficos do Bloco Afoxé Filhos de Gandhy, busquei não somente na memória, mas também nas caixas de fotografias antigas de minha família, alguma foto do Mário, companheiro de minha avó Dalci, citado na carta, já falecido, à época, folião do "Gandhy". Encontrei uma única foto de Mário, ao lado dos amigos, celebrando o carnaval de Salvador no celebre bloco de afoxé.



Figura 2: Mário, o terceiro da direita para a esquerda, no cortejo do Bloco Afoxé Filhos de Gandhy - data desconhecida.

"Em fevereiro minha casa se transforma". Assim dou início a sequência textual do livro, traçando introdução, desenvolvimento e desenlace para a trajetória de Gil, o menino que aprende enquanto vive os preparativos para uma das mais importantes manifestações culturais da Bahia: o carnaval. No início do processo de escrita, havia uma preocupação: como eu, uma mulher de 36 anos poderia emprestar ao personagem uma voz pertencente a infância? E foi refletindo a partir da primeira versão do texto, em companhia de Carolina Moreyra, que ajustei o tom e apurei uma linguagem curiosa e menos inflexível para que, assim, eu pudesse me expressar por meio da voz do menino prestes a nascer. Falar em estado de infância é falar na condição de encantamento e por isso é comum que a reescrita seja necessária pensando a identidade presente na voz do

narrador de nossas histórias. A condição de adulta pode ser impregnante quando pretendemos acessar a nossa infância e, por isso, foi preciso relembrar das vozes que me habitam, em especial a daquela menina que me veste de lembranças e que me olha de cima do muro, me apontando a multidão que caminha com velas na mão.

A proposta da oficina de criação de livros ilustrados é trabalhar o texto e as imagens, sempre coletivizando o processo, para que toda a turma possa trocar não só suas experiências, mas, também, suas percepções sobre os trabalhos que surgem. Em livros ilustrados, cada autor encontra um caminho de criação por meio da orquestra das linguagens textuais, visuais e gráficas. Neste processo, palavras e imagens podem nascer ao mesmo tempo, imagens podem surgir primeiro, para que somente depois sejam ordenadas em uma sequência semântica, ou, ainda, o texto pode nascer primeiro para que depois de um tempo as imagens comecem a surgir. Em *Fevereiro* primeiro nasceu o texto, as cenas chegaram apenas depois, por meio de descrições das possíveis imagens em potencial.

Em conversa com Odilon Moraes, já na etapa de criação da narrativa visual[13], cheguei à conclusão de que não conseguiria criar nenhuma imagem naquele momento, já que ainda sentia necessidade de um estudo mais aprofundado das referências imagéticas e simbólicas que envolviam o bloco que eu pretendia retratar. Ele disse para que eu não me preocupasse, pois o livro já estava pronto e inteiro dentro de mim, em algum lugar e bastaria apenas que eu encontrasse o caminho de produção, mas que seria importante que eu não deixasse de exercitar a criação por meio de rascunhos, ainda que "soltos" e/ou "despretensiosos".

Como dito no início deste trabalho, não acredito ser possível homogeneizar o processo de criação de um livro ilustrado, uma vez que o fazer artístico, por ser também de caráter íntimo e subjetivo, pode nascer de diferentes formas e maneiras. Especificamente no meu caso, há um padrão de criação em que a experimentação artística, normalmente despretensiosa, envolvendo o manuseio de materiais, o teste da disposição dos elementos no espaço da folha e o contato sensorial com a textura das tintas e papéis disponíveis para uso, passa a se caracterizar com um fio condutor que dá início ao "caminho" que me levará a percorrer todo o processo de criação. Embora eu tenha a

[13] É a etapa em que buscamos solucionar as questões relativas à ampliação dos sentidos por meio das imagens, materialidade, aspectos da composição das cenas, das páginas e da sequência e disposição das imagens a favor da história que desejamos contar.

permanente sensação de estar em bloqueio criativo, é por meio desses processos que me desperto a traçar novas possibilidades de criação.

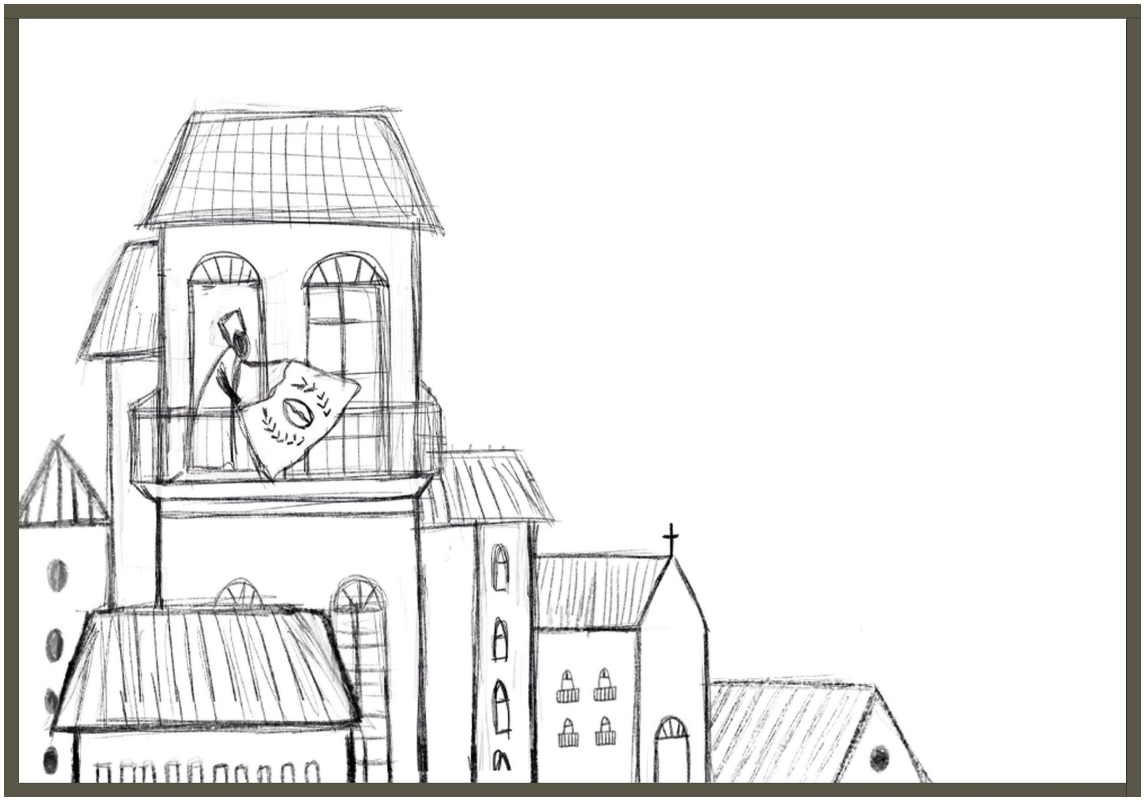


Figura 3: rascunho do livro *Fevereiro*

Um dos aspectos que se destacam quando o assunto é o *Bloco Afoxé Filhos de Gandhy* é a riqueza e a beleza das formas e significados presentes na indumentária que compõe o visual dos associados do bloco. O traje, composto por um grande tecido branco, costurado nas laterais, foi inspirado nas vestimentas indianas do homenageado Mahatma Gandhi, líder do movimento pela independência indiana, assassinado em 30 de janeiro de 1948 e, também, no figurino do filme Ganga Din (1939), observadas por Vavá Madeira, um dos criadores do bloco. Além do grande lençol usado no corpo, compõem o traje: um turbante branco, tipicamente feito com toalhas e ajustado na cabeça por turbanteiras, bracelete de palha da costa, com ou sem búzios, denominado contra-egum, fios de contas brancas e azuis (cores em referência aos orixás Oxalá e Ogum), entre outros. Por ser o branco a cor predominante do bloco, o Afoxé Filhos de Gandhy foi apelidado e passou a ser conhecido como “o tapete branco da avenida”.

Perceber a trajetória da cor branca como central no universo simbólico e estético do bloco, fez com que eu voltasse o meu olhar para a escolha e definição da paleta de cores do livro, majoritariamente formada por branco, três tons de azul e diferentes matizes de ocre e marrom. A partir desta característica e atravessada pela representação do tapete branco da avenida, construí, por meio de palavras, a metáfora *espuma do mar*, para desenlace da narrativa. Mais tarde, a espuma do mar também se materializaria em metáfora visual.

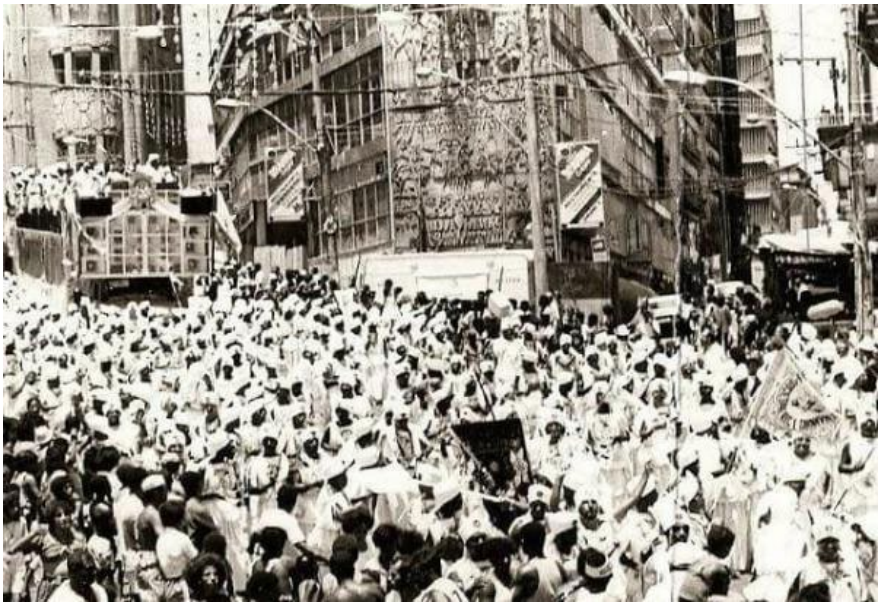


Figura 4: https://bahia.ba/entretenimento/afoxe-filhos-de-gandhy-ganhara-livro-para-contar-seus-70-anos-de-historia/



Figura 5: https://oquefazernabahia.com/2018/02/08/filhos-de-gandhy-o-tapete-branco-da-avenida/

Durante a oficina e em conversa com Odilon Moraes, após apresentar um dos poucos rascunhos digitais, ele voltaria a atenção para aspectos da materialidade do livro e a força da cor branca em *Fevereiro*. Refletindo sobre o elemento cor como uma das possíveis estratégia narrativas nos livros ilustrados, Odilon destacou que, diferente da cor branca comumente materializada pelo branco do papel (ausência de tinta na impressão), frequentemente utilizada nos livros ilustrados para expressar vazios, silêncios ou ausências[14], em *Fevereiro*, o branco representa uma presença e que, para isso, o mais interessante seria acrescentar a cor branca no papel, por meio da tinta que eu fosse escolher para ilustrar o livro.



Figura 6: rascunhos do livro Fevereiro.

A partir das conversas com Odilon Moraes e afim de ressaltar o que ele denominou como "a cor branca da presença", escolhi o papel kraft para as pinturas em acrílica fosca e lápis de cor. Após minha escolha, além dos testes e estudos gráficos, busquei por outros importantes trabalhos que também tiveram o papel kraft como suportes de pintura e/ou gravuras, são as obras: *O príncipe da Beira*, de Josias Marinho (Ed. Mazza, 2011) e *Julián é uma sereia*, de Jéssica Love (Ed. Boitatá, 2021).

[14] Recurso intencionalmente explorado nos livros *Espelho*, da autora Suzy Lee (2021, companhia das letrinhas) e Eustáquio, o mágico magnifico do autor Alexandre Rampazo (2022, Pulo do gato).

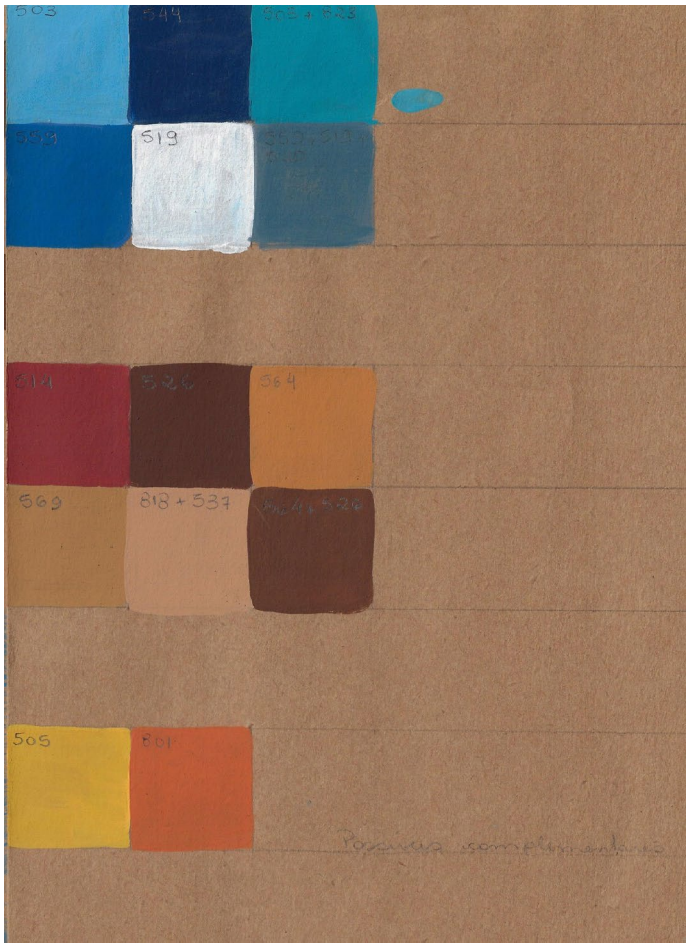


Figura 7: Definição da paleta cromática de Fevereiro.

O branco como presença de cultura, religião, tradição e ancestralidade negro-brasileiras se apresentam nos cenários, tecidos, instrumentos, pipocas, contas e, finalmente, na espuma do mar. Em *Fevereiro*, as cores e texturas se destacam em virtude da materialidade escolhida.



Figura 8: Imagem do livro *Fevereiro*

Durante a organização e montagem das imagens de *Fevereiro*, a sequencialidade das cenas também se destacam e me ajudam a contar como o protagonista, na companhia de sua família e comunidade, vai, página a página, participando, aprendendo, ensinando e "vestindo" uma tradição. Logo no início da narrativa, vemos o menino com roupas comuns de seu cotidiano, acordando e se deparando com a casa repleta de gente, buscando sentido para todo o vozerio e presenças. É com o virar das páginas que testemunhamos a maneira como ele vai, pouco a pouco, mas sempre acompanhado de demonstrações de afeto e cuidado, incorporando os elementos culturais e ancestrais de sua família, em sua forma de brincar, conviver, se expressar, se questionar, se entregar e, finalmente, se emocionar com a festa. O arco que se inicia no contexto familiar e se desenvolve nas sensíveis etapas da ritualística dos que participam de uma manifestação cultural de tradição ancestral, encontra seu ápice na imagem desfocada e abstrata que representa a multidão. A imagem é inspirada nas palavras de Gilberto Gil no documentário *Tempo Rei* (1996), ao descrever, com os olhos marejados, sua sensação e emoção ao pertencer a um dos maiores blocos de afoxé da Bahia:

> Quando estou no Gandhy eu gosto do canto e da dança do Ijexá, eu me sinto parte, integrante, molécula, partícula de uma coisa grande, que é o canto e a dança da Bahia, o canto e a dança que vieram da África... A tradição do candomblé, o mais interessante é isso, é se diluir numa coisa que é... enfim... muito grande, que se estica para o passado e se estica para o futuro. Que a gente é apenas uma partícula quântica ali na passagem do momento em que a gente dança e canta ali na avenida. É insubstituível o momento. Tem muitas outras coisas boas na vida, mas tocar só agogô ali na avenida é... Poxa... Não dá nem pra falar... (GIL, 1996)

3
CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ser questionada sobre aspectos que envolvem minha autoria permitiu que eu pudesse refletir sobre os caminhos percorridos até o fazer de livros ilustrados. Racionalizar sobre estas trilhas e teorizar sobre as escolhas simbólicas que fazem parte da minha escrita em palavras e imagens, sobretudo a partir de *Fevereiro*, se configurou como o objetivo principal deste relato de experiência artística.

Semeado sob o sol de Salvador, em algum dos tantos fevereiros de minha infância, *Fevereiro* transita agora por muitas folias, festejos, cortejos e patuscadas. Deixo a seguir resenhas literárias criadas a partir do contato com o livro no contexto de seu lançamento, e circulação, compartilhadas por leitores e leitoras nas redes sociais.



https://www.instagram.com/reel/C4f30bFNh3u/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==



https://www.instagram.com/reel/C4f30bFNh3u/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==



https://www.instagram.com/p/C38e9Peui3C/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==



https://www.instagram.com/p/C34xPEbORIG/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==



https://www.instagram.com/p/C3Fs97IO2C/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==



https://www.instagram.com/p/C21NqkFNS43/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==



https://www.instagram.com/p/C1DQHaRvl6y/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==



https://www.instagram.com/p/Cvsar6jR53l/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==



https://www.instagram.com/p/CuK8ZMpPXcy/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==



https://www.instagram.com/reel/CqnQ8oFAT7b/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==



https://www.instagram.com/reel/CpIKEggr4tt/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==



https://www.instagram.com/p/Co50y_5sqAI/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWVFlZA==



https://www.instagram.com/p/CoQSfB-Pyyq/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWVFlZA==



https://www.instagram.com/reel/CozbagZM5cb/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==





https://www.instagram.com/p/CoxnnkKvGaV/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==

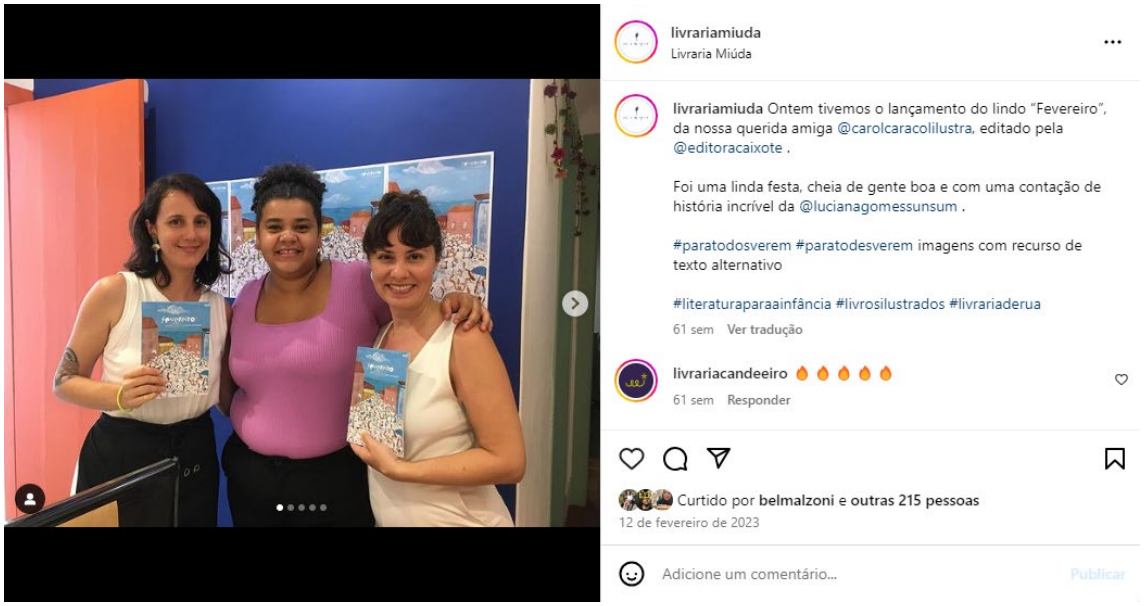


ig

https://www.instagram.com/p/Cow-o-suGzP/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==



https://www.instagram.com/p/Cor3-3msPJq/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==



https://www.instagram.com/p/Cok_4C0PLHx/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==



https://www.instagram.com/p/CvX8u9WvYvt/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA==



https://www.instagram.com/p/CoUnJs4u9oq/?igsh=a3VzaTMzdmplZjQw

Resgatar detalhes do processo de criação desta obra é, antes, revolver memórias de infância e de vivências pessoais, acadêmicas e profissionais, que continuam transbordando baldes e ecoando narrativas. Histórias que, uma vez contadas e desenhadas, agora nos escapam e, como

nos ensina Gilberto Gil sobre os processos de construção e participação cultural, se integram ao todo, passando a ser de muitos, além de nós mesmos. Fazer livros ilustrados é também uma maneira de se esticar para o passado e se alongar, por meio da dimensão criativa, para o futuro.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Aline Senra Vasconcelos de. O texto Potencial no sistema ecoló?gico do livro ilustrado infantil: palavra-imagem-design. Dissertação de Mestrado. Departamento de letras, PUC-SP, 2013.

ANDRADE, Rodrigo; FERNANDES, Carol; OLIVEIRA, Kiusam de. Menina Pretinha/Menino Pretinho. Poços de Caldas, MG: Leiturinha, 2021.

ANDRUETTO, M. T.(2012). Por uma literatura sem adjetivos. São Paulo: Pulo do Gato

BAPTISTA, Mônica Correia. Leitura, arte e cultura na primeira infância:distintas vozes de uma aldeia inteira. *In*: FEDATTO, Carolina P; FARIAS, Fabíola; DAHER, Juliana (Orgs). **Primeiras Leituras: arte e cultura na primeira infância**. Belo Horizonte: Ed. das Organizadoras, 2022. p.9-13.

CAETANO, C. A.; ESTEVES BORTOLANZA, A. M. Pedagogia Freinet: Educar a criança para a vida e pela vida na Educação Infantil. **Teoria e Prática da Educação**, v. 21, n. 1, p. 29-41, 23 nov. 2018.

CHIE, Norma; FERNANDES, Carol. Travesseiro de vento. São Paulo, SP: Inteligênios, 2023

CÔRTES, Cristiane. Coração do mar: sensibilidade e respeito à cultura afro-brasileira no universo da literatura infantojuvenil. Literafro, Nepomuceno, junho de 2020. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/infanto-juvenil/1295-carol-fernandes-coracao-do-mar

COSTA, Madu; FERNANDES, Carol. Dandara guerreira em cordel. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições, 2022.

CUTI. Negroesia: antologia poética. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

DIAS, Tânia Cristina; FERNANDES, Carol. O sapo iluminado. Belo Horizonte, MG: Editora Aletria, 2021.

EVARISTO, C. (2020). A escrevivência e seus subtextos. In C. L. Duarte & I. Nunes (Eds.), Escrevivência: à escrita de nós - Refexões sobre a obra de Conceição Evaristo (pp. 26-47). Mina Comunicação e arte.

FERNANDES, Carol. Coração do mar; ilustrado por Carol Fernandes. Belo Horizonte: CriviNHO, 2019.

_____. Fevereiro. São Paulo, SP: Editora Caixote, 2023.

_____. Mulheres que guardo em mim. Belo Horizonte: Edição da autora, 2019.

_____. Se eu fosse uma CASA. Belo Horizonte: Tuya Edições, 2020.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 55.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GAVILAN, Maria Clara Loesch. "Uma formação para criadores de Livro ilustrado no Brasil," *Plataforma de Pesquisas - A Casa Tombada*, acesso em 13 de agosto de 2023, https://biblioteca.acasatombada.com.br/items/show/1895.

GOMES, N. L.; JESUS, R. E. de. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 47, p. 19-33, jan./mar. 2013. Editora UFPR disponivel em: https://www.scielo.br/j/er/a/QFdpZntn6nBHWPXbmd4YNQf/?format=pdf&lang=pt

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

JÚNIOR, Otávio; FERNANDES, Carol. Chuva de Jabuticabas. Rio de Janeiro, RJ: Viajantes do Tempo, 2023

LEE, Susy. A trilogia da margem: o livro-imagem segundo Susy Lee. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

_____. Espelho. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2021.

_____. Onda. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2017.

_____. Sombra. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2018.

LOVE, Jessica. Júlian é uma sereia. São Paulo: Boitatá, 2021.

MARINHO, Josias. O Príncipe da Beira. Belo Horizonte, MG: Mazza, 2011.

MORAES, Odilon. Quando a imagem escreve: reflexões sobre o livro ilustrado. Dissertação de Mestrado. Departamento de Artes, UNICAMP, 2019.

Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE): disponível em: https://www.ceale.fae.ufmg.br/programa-nacional-biblioteca-na-escola-pnbe.html
Leitura e Escrita na Primeira Infância (LEPI): disponível em: https://lepi.fae.ufmg.br/lepi/

ROSA, Mario Alex; FERNANDES, Carol. Cosmonauta. Belo Horizonte, MG, 2022.

SANTANA, Mariamma Fonseca. "Quando o Quadrinho e o Livro Ilustrado se encontram: estudo de caso "Na Cozinha Noturna" de Maurice Sendak," *Plataforma de Pesquisas - A Casa Tombada*, acesso em 23 de novembro de 2023, https://biblioteca.acasatombada.com.br/items/show/1897.
SANTANA, Patrícia; FERNANDES, Carol. Um dia Feliz. Belo horizonte, MG: Aletria

Editora, 2023

SANTOS, Glauciane. A memória verbal e icônica na literatura infantil de Josias Marinho. Literafro, 2018. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/28-critica-de-autores-masculinos/609-a-memoria-verbal-e-iconica-na-literatura-infantil-de-josias-marinho-glauciane-santos

TAVARES SANTOS, J. M. C.; AMORIM, G. C. C.; NOLASCO DE CASTRO, A. M. Educação popular: diálogo com as teorias de Freinet e Freire. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, SP, v. 14, n. 2, 2012. Disponível em: https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/1006. Acesso em: 15 nov. 2023.

TEIXEIRA, Gisele; FERNANDES, Carol. Absurdos. Belo Horizonte, MG: Tuya Edições, 2023.

TRINDADE, Azoilda Loretto. Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros na Educação Infantil. In: Revista Valores Afro-brasileiros na Educação. 2005.